

Análise da aspectualização em um poema de Adélia Prado

*Aspectualization analysis in a poem by
Adélia Prado*

Mário Acrísio ALVES JUNIOR

Universidade Federal do Espírito Santo
marioalwes@hotmail.com



Resumo: Este artigo focaliza o fenômeno da aspectualização, conceito que, outrora restrito apenas aos estudos linguísticos, passa a integrar o escopo teórico-metodológico da semiótica em sua vertente discursiva. O objetivo consiste em retomar as contribuições de alguns dos principais semioticistas responsáveis pela difusão da noção de aspectualização e oferecer, a título de amostragem, uma possibilidade de análise pelas vias da perspectiva em apreço. Assim, após uma breve exposição teórica, o artigo segue com o exame de um poema de Adélia Prado, a partir do qual se ilustra a produtividade do fenômeno aspectual, além de confirmar sua estreita e proveitosa relação com textos literários.

Palavras-chave: aspectualização; semiótica discursiva; actante; poema.

Abstract: This paper focuses the aspectualization, concept that, once restricted to linguistics, began to integrate the theoretical and methodological dimensions of discursive strand of semiotics. The objective is to resume the contributions from some of the main semioticians that study the aspectualization and offer, like a sampling, an analysis possibility through the perspective in question. Thus, after a brief theoretical presentation, this article presents an examination of a poem by Adélia Prado, to illustrate the productivity of the aspectual phenomenon and, so, confirm its close and fruitful relationship with literary texts.

Keywords: aspectualization; discursive semiotics; actant; poem.

1 INTRODUÇÃO

A noção de aspecto, estudada há tempos pela linguística, foi incorporada pelos estudos semióticos do discurso, passando por uma ampliação nos níveis teórico e analítico. Tomando como base os estudos acerca da *aspectualização* no discurso, este artigo parte de exposição teórica com revisão bibliográfica sobre o tema, pela qual se descreve o conceito de aspecto em linguística e sua ampliação pelos estudos semióticos. Em seguida, procede-se à análise da aspectualização no poema “Casamento”, de Adélia Prado.

2 ASPECTO E ASPECTUALIZAÇÃO

O aspecto, já há algum tempo, vem sendo estudado pela linguística, que o conceitua como um ponto de vista sobre um processo, sobre uma ação. Por manter relação direta com a temporalidade, tal processo é levado em conta por sua duração. Nesse sentido, vale mencionar a explicação de Câmara Jr., para quem, a título de exemplificação, é possível distinguir:

uma ação que principia, como em partir; uma que termina, como em chegar; uma que se desdobra, sem alusão ao início ou ao fim, como andar, viajar; uma que se repente, como em saltitar, etc. (CAMARA Jr., 1977, p. 141).

A mesma concepção que em linguística é, com alguma variação, consensual entre a maior parte dos autores, é expressa nos termos de Castilho (2010) da seguinte forma:

[...] É como se o falante, tangido por um inesperado transporte místico, visualizasse de fora, do alto, do além, os estados de coisas que ele mesmo acionou, separando diligentemente (i) o que dura, (ii) o que começa e acaba, e (iii) o que se repete (CASTILHO, 2010, p. 417).

Aliás, em sua *Gramática do Português Brasileiro*, Castilho (2010) descreve os conceitos de aspecto e tempo, estabelecendo uma clara distinção entre essas duas categorias, dado o caráter simbólico do aspecto e a natureza dêitica do tempo. O autor, ao retomar palavras de Jakobson (1957), oferece maior evidência dessa distinção:

O aspecto caracteriza o evento narrado sem envolver seus participantes e sem referência ao evento da fala. [...] O aspecto quantifica o evento narrado. O tempo caracteriza o evento narrado com referência ao evento de fala. Assim, o pretérito nos informa que o evento narrado é anterior ao evento da fala (JAKOBSON *apud* CASTILHO, 2010, p. 418).

A semiótica discursiva, embora considere a intrínseca relação entre aspecto e tempo, abre-se às outras duas coordenadas enunciativas: o espaço e o ator. De modo geral, é possível afirmar que essa abertura também ampliou o quadro analítico no sentido de que as noções aspectuais hoje não se restringem apenas ao verbo, tal como concebido pela linguística. Para a semiótica, outras classes gramaticais e elementos linguísticos podem ser apreendidos na análise da aspectualização, assim como quaisquer outras unidades de sentido – verbais ou não – que o semioticista desejar examinar.

Antes de apresentar a conceituação, é necessário esclarecer que a literatura sobre a aspectualização no discurso não é vasta e a teoria encontra-se ainda em desenvolvimento. Por isso, tem-se constatado uma maior consistência nos escritos sobre a aspectualização temporal, e escassa bibliografia acerca dos componentes espaço e pessoa.

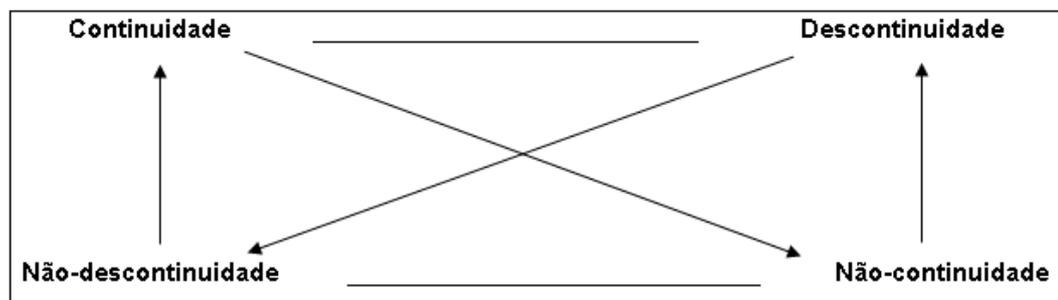
Uma das definições oferecidas sobre o tema é a de Greimas e Courtés, em seu *Dicionário de Semiótica*, para quem a aspectualização é concebida como:

a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador. Esse procedimento parece ser geral e caracterizar os três componentes, que são a actorialização, a espacialização e a temporalização, constitutivos dos mecanismos de debreagem (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 39).

Veja-se que a semiótica introduz, na configuração discursiva da aspectualidade, um *actante observador*, que se constitui como o próprio ponto de vista, e “para quem a ação realizada por um sujeito instalado no discurso aparece como um processo, ou seja, uma ‘marcha’, um ‘desenvolvimento’” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p.39). Esse sujeito instalado no discurso tem, pois, suas ações (seu fazer) apreciadas e julgadas pelo observador, tido como “sujeito cognitivo que observa e decompõe esse fazer, transformando-o em processo” (*idem*), e, vale também dizer, “instalado pelo enunciador mediante debreagem, encarregado de receber informações e de transmiti-las” (BERTRAND, 2003, p.425). Assim, é o actante o ponto de referência que parece instruir as demais coordenadas enunciativas no processamento da semiotização do fazer em discurso.

Basicamente, os processos de aspectualização se concretizam pelas categorias *continuidade* e *descontinuidade*, bem como por seus pares contraditórios, conforme mostra o quadrado semiótico abaixo, baseado na hipótese de regimes de interação proposta por Landowski (2014):

Figura 1 – Diagrama baseado em Landowski (2014), p.80)



Fonte: Baseado em Landowski (2014, p. 80).

Essas categorias mais gerais e profundas são especificadas e atualizadas por meio de variados modos de concretização do aspecto, cuja nomeação é conforme a coordenada enunciativa em foco. Dessa forma, a continuidade pode-se apresentar no discurso sob a forma da aspectualidade cursiva e durativa (no tempo), como uma trajetória, um fluxo, um andamento, um deslocamento (no espaço), ou como uma transformação em curso (do ponto de vista do ator), sem que se deva assumir como horizonte um término, um estado, ou ponto de chegada definido. A não-continuidade pode ser concretizada como uma interrupção do contínuo, sem que necessariamente se identifique com um fim ou conclusão de um evento, de uma trajetória ou de uma transformação. A descontinuidade pode-se manifestar como um limite irreversível, uma demarcação a partir da qual o evento pode ser tomado em sua totalidade, externamente. Pode ser considerada como uma ação conclusa, um ponto exterior no espaço, a transformação de estado realizada. Gomes (2018) considera que a não-descontinuidade pode ser concretizada como uma segmentação de etapas ou como a passagem de fronteiras.

A autora menciona ainda duas possibilidades de recursividade nas categorias aspectuais, a saber:

- a) a iteratividade: sobredeterminação da descontinuidade em relação à continuidade; e
- b) a reversibilização do irreversível: sobredeterminação da continuidade em relação à descontinuidade – ultrapassagem concessiva de barreiras.

Vale ressaltar aqui que, embora somente a aspectualização da temporalidade tenha permitido, “até o momento, elaborações conceituais que merecem ser consideradas, interpretadas e completadas” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 39), alguns autores têm realizado interessantes análises e propostas conceituais, levando em consideração as outras duas categorias

enunciativas – o espaço e o actante, permitindo uma ampliação do universo de objetos a serem apreendidos. As palavras de Bertrand (2003) soam elucidativas, quando o autor comenta que, além da temporalidade,

a semiótica estende a noção de aspecto à espacialidade (principalmente em semiótica visual: percepção dos limiares e da extensão, efeitos da luz e da sombra), à actorialidade (o comportamento é aspectualizado: a precipitação, por exemplo) e à axiologia (a relação entre a imperfeição do parecer e o surgimento da perfeição como critério de apreensão estética). Podem-se, por exemplo, analisar as formas culturais do comportamento ao volante de um carro, sob o ponto de vista do aspecto: o motorista americano se instala no durativo; já o francês, obcecado desde a partida pelo final da viagem, “vive” o percurso segundo o aspecto terminativo. [...] (BERTRAND, 2003, p. 416).

Fiorin (1989), por exemplo, discorre sobre a aspectualização do ator ao propor um estudo dos comportamentos sociais. Considerando os parâmetros valorativos estabelecidos por dada formação social, o autor reconhece que “o que pauta a vida dos homens nas suas relações com os outros é uma lógica da gradualidade” (p.350), na qual o excesso e a *insuficiência* são avaliados como termos disfóricos, e a *justa medida*, como termo eufórico. Apresenta como exemplo a justa medida de um aperto de mão, o qual “não deve ser feito nem com força nem com a mão amolecida, não deve ser demorado nem rápido, não deve ser feito com brusquidão nem com reticência, nem só com a ponta dos dedos nem com as duas mãos” (FIORIN, 1989, p.351).

Tendo em vista a revisão feita até aqui, o que se apresenta a seguir é uma análise que busca contemplar a aspectualização de um modo geral, ou seja, que leve em conta as três coordenadas enunciativas esboçadas.

2.1 Análise de um poema

Na sequência, apresenta-se uma possibilidade de exame de um texto poético, transcrito a seguir, observando as coordenadas enunciativas relacionadas à aspectualização.

Casamento
(Adélia Prado)

Há mulheres que dizem:
Meu marido, se quiser pescar, pesque,
mas que limpe os peixes.
Eu não. A qualquer hora da noite me levanto,
5 ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.
É tão bom, só a gente sozinhos na cozinha,
de vez em quando os cotovelos se esbarram,

ele fala coisas como "este foi difícil"
 "prateou no ar dando rabanadas"
 10 e faz o gesto com a mão.
 O silêncio de quando nos vimos a primeira vez
 atravessa a cozinha como um rio profundo.
 Por fim, os peixes na travessa,
 vamos dormir.
 15 Coisas prateadas espocam:
 somos noivo e noiva.¹

Numa análise preliminar, observa-se que o poema *Casamento*, de Adélia Prado, registra, nos primeiros versos, um comportamento evidenciado por um “jeito de ser” esposa alheio ao estereótipo da mulher que, embora casada, exime-se das tarefas (também estereotipadas) de competência da figura feminina. Essa resistência ao modelo convencional de casamento é realçada pelo operador argumentativo “mas”, que introduz o verso três. A partir do quarto verso, porém, passa a exibir um “jeito de ser” esposa companheira e, para se contrapor ao modelo de esposa sugerido nos primeiros versos, o enunciador declara sua posição, introduzindo a descrição de sua conduta como esposa com a negação – “Eu não”. Assim é que os versos seguintes, a partir de uma argumentação subjetiva e adornada de expressões afetivas e sensoriais, denunciam o engajamento de um enunciador realizado na sua relação com seu “ele”, mencionado no verso 8.

A aspectualização *temporal* tem sua expressão mais evidente a partir dos versos 4 e 5 (“A qualquer hora da noite me levanto, / ajudo a escamar, abrir, retalhar e salgar.”), em que se nota uma percepção acelerada daquele que vê o momento, ou melhor, que nem vê o tempo passar no momento, a despeito das tarefas descritas pelas orações em sequência levarem normalmente algum tempo para serem realizadas. Após a sequência “escamar, abrir, retalhar e salgar” (verso 5) e “por fim, os peixes na travessa” (verso 13), o poema assume um aspecto suspenso, concretizado pela ação expressa no verso 14 – “vamos dormir”.

Quanto à aspectualização do *espaço*, é possível observar dois ambientes em interação, sendo um deles mais externo à enunciação, definido pelo lexema “rio”, e um mais próximo, um tanto mais familiar à enunciação, que é a “cozinha”. O texto apresenta o rio como espaço mais distante, onde alguém pesca sozinho. Mas no verso 12, a cozinha, até então espaço de interação entre os personagens, passa a ser também espaço de fusão com o rio, uma vez que, conforme os versos 11 e 12, “O silêncio... / atravessa a cozinha como um rio profundo”.

¹ Texto extraído do livro “Adélia Prado - Poesia Reunida”, Ed. Siciliano - São Paulo, 1991, pág. 252.

Apesar de se considerar relevante descrever temporalidade e espacialidade em termos aspectuais, a relação sinestésica produzida pela comparação do silêncio da primeira troca de olhares com um rio profundo parece sugerir ou enfatizar que a proeminência enunciativa recai sobre os actantes.

Dessa forma, no que se refere à aspectualização do *ator*, o poema apresenta, nos três primeiros versos, um conflito, um obstáculo para a conjunção amorosa. Esse obstáculo, no entanto, só é percebido como tal quando o sujeito se mostra contra ele (negação desse modelo de relação), a partir verso 4. Desse ponto em diante, a forma como o sujeito entra em conjunção com outro sujeito, numa relação inter-actancial, influencia na sua transformação. As transformações ocorridas pelo desgaste do casamento não ocorrem nessa relação.

Assim, salta aos olhos que a qualidade da interação é definida como algo positivo, e se concretiza na declaração “É tão bom” (verso 6). Aliás, a intensidade promovida pela inserção do modificador *tão* dá margem à identificação de uma gradação, a partir da qual o observador lança mão de um ponto de vista. Afinal, *tão bom*, tomado como *excesso* ou *mais que suficiente*, pressupõe um valor social intermediário ou de *justa medida*, que pode ser concretizado pelo lexema *bom*.

O valor social negativo ou *insuficiente*, embora não seja concretizado no texto por lexema específico, fica evidente na percepção do que não deve ser um casamento, expressa nos versos 1-3. O valor positivo atribuído a ocorrências simples como o esbarrar de cotovelos (verso 7) e o gesto do cônjuge com a mão enquanto relata a pesca (versos 8-10) também reafirma a qualidade dessas ações. Constatando a forma como o eu poético aprecia cada uma dessas ocorrências, verifica-se que ele vive o momento segundo o aspecto durativo.

O texto permite identificar três momentos vivenciados pelos sujeitos: o começo da relação (“o silêncio de quando nos vimos a primeira vez”); o enlace (“somos noivo e noiva”); e o atual. O casamento, entretanto, parece ser um momento eterno que teve seu início a partir do primeiro momento; os dois últimos versos permitem interpretar que os cônjuges desfrutam a relação como noivo e noiva em festa constante, revelando-se aí um aspecto inacabado de uma experiência em constante renovação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de se focalizar, no poema, a aspectualização do ator mais do que a do tempo e a do espaço é opcional, mas, ao mesmo tempo, é a que parece estar mais fortemente marcada. De modo geral, o observador

fornece um roteiro que divide o poema em dois grandes blocos: o primeiro, negado pelo sujeito, dos versos 1 ao 3; e o segundo, em que o sujeito se mostra em plena conjugação com outro sujeito, do verso 4 em diante. A partir dessa constatação, a análise pôde ser empreendida levando-se em conta a qualidade da interação e do momento eternizado desde o início da relação e a gradação inferida pelo valor social que certas expressões permitem verificar.

Após a trajetória trilhada desde a apresentação da revisão bibliográfica até a análise final, é válido registrar que a aspectualização surge como um modelo interpretativo muito eficiente ou, melhor dizendo, como uma forma de compreender como o sentido é produzido pela via discursiva dos estudos semióticos.

REFERÊNCIAS

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução de Grupo CASA. Bauru: EDUSC, 2003.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Uma categoria verbal**: o aspecto. In: Princípios de linguística geral. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luis. A lógica da neutralidade: um caso de aspectualização do ator. Estudos Linguísticos XVIII. **Anais de seminários do GEL**. Lorena, SP: Prefeitura Municipal de Lorena, 1989. p. 348-355.

GOMES, Regina Souza. Um olhar semiótico sobre a atualidade: a aspectualização a partir de Greimas. **Estudos Semióticos** [online], v. 14, n. 1, ed. esp., p. 108-116, mar. 2018. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse>. Acesso em: 15 out. 2022.

GREIMAS, Algirdas-Julien; COURTES, Joseph. Tradução de Alceu Dias Lima *et al.* **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

LANDOWSKI, E. **Interações arriscadas**. Tradução L. H. O. da Silva. São Paulo: Estação das Letras e Cores: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2014.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido**. Tradução de Ivã Lopes, Luiz Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Edusp, 2006.

ALVES JUNIOR, MÁRIO ACRISIO.
ANÁLISE DA ASPECTUALIZAÇÃO EM UM
POEMA DE ADÉLIA PRADO.
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, V. 13, N. 1,
E2572, P. 392-400, JAN.-ABR./2023. DOI:
10.2216S/2237-632112572